

CARTA A GERSHOM SCHOLEM

Walter Benjamin

Tradução do alemão e nota de Modesto Carone

RESUMO

Em carta de 1938 a Gershom Scholem, Walter Benjamin comenta o livro *Kafka*, biografia do escritor judeu-alemão de Praga escrita por Max Brod.

Palavras-chave: Walter Benjamin; Franz Kafka; biografia; literatura.

SUMMARY

Writing to Gershom Scholem in 1938, Walter Benjamin discusses the book *Kafka*, a biography of the German-Jewish writer of Prague, written by Max Brod.

Keywords: Walter Benjamin; Franz Kafka; biography; literature.

O ensaio mais extenso e conhecido de Walter Benjamin sobre Kafka ("Franz Kafka ") foi publicado em 1934, por ocasião do décimo aniversário da morte do escritor judeu-alemão de Praga. Mas o zelo do crítico data de quase dez anos antes, como mostra uma primeira carta, de 1925, a Gershom Scholem. Nela Benjamin fala de sua intenção de escrever uma resenha sobre as obras do espólio de Kafka editadas a partir daquele ano por Max Brod. Entre outras coisas, ele afirma que a parábola "Diante da Lei" é uma das melhores narrativas curtas da língua alemã. Foi este o início de uma admiração que durou até o fim de sua vida terminada tragicamente em Port Bou. Sabe-se que o autor de "Via de mão única" planejava fazer um trabalho de fôlego sobre o prosador tcheco na Palestina, para onde pretendia emigrar, acuado pelo nazismo. Não há motivos para duvidar que teria sido uma obra tão excepcional na história da literatura quanto a que escreveu sobre Baudelaire: disso dão testemunho os textos, as cartas e as anotações reunidos num volume editado pela editora Suhrkamp em 1981. Para Benjamin, o poeta francês estabeleceu no século XIX o cânone mais avançado da lírica moderna, do mesmo modo que Kafka se tornou o paradigma da prosa de vanguarda do século XX.

Esta carta de 1938 a Scholem é um exemplo da singularidade com que o ensaísta acompanha os meandros da prosa kafkiana. Numa época em

que vigoravam as exegeses teológicas iniciadas por Brod — cujas linhas de força são desmontadas na análise da biografia de Kafka —, acrescidas pelas interpretações existencialistas e psicanalíticas sem relevância literária, a intervenção de Benjamin é surpreendente. Sob certos aspectos ela é mais esclarecedora, destemida e original que o seu ensaio, hoje clássico, de homenagem ao autor de O processo, a despeito de não ser tão amarrada quanto este, o que sem dúvida é facilitado pelo tom de carta ao amigo a quem o assunto também toca o coração. Decorre daí talvez um dos seus focos de interesse, pois o leitor capta ao longo do texto a articulação de uma notável obra em andamento que a História veio frustrar.

Sobre a tradução, é útil dizer que ela procurou reproduzir o pensamento de Benjamin sem fugir muito à sua letra — no caso, a tensão do raciocínio que se manifesta na frase e as metáforas que dão nervo ao discurso de um filósofo-escritor. O tradutor agradece a Roberto Schwarz os esclarecimentos de termos e conceitos e as sugestões incorporadas ao texto.
(Modesto Carone)



Paris, 12 de junho de 1938

Caro Gerhard,

a pedido seu, escrevo-lhe bastante pormenorizadamente sobre o que acho do "Kafka"¹ de Brod; em seguida você encontra algumas reflexões próprias sobre Kafka.

(1) Brod, Max. *Franz Kafka. Eine Biographie*. Praga, 1937.

Você precisa saber desde logo que esta carta será toda reservada a este objeto que nos toca a ambos o coração; para notícias minhas faço-o esperar por um dos próximos dias.

O livro de Brod é caracterizado pela contradição fundamental que reina entre a tese do autor por um lado e sua postura por outro. Com isto a última se presta a desacreditar de algum modo a primeira — sem falar das reservas que de resto se levantam contra esta. A tese é que Kafka estava no caminho da santidade. A postura do biógrafo, por sua vez, é de completa bonomia. A falta de distância é sua peculiaridade mais marcante.

Que esta postura pôde conformar-se a esta visão do objeto é o que rouba ao livro, de antemão, sua autoridade. Como ela o faz, ilustra-o por exemplo a expressão "nosso Franz" com que numa foto ele é apresentado aos olhos do leitor. Intimidade com o sagrado tem uma marca definida na história das religiões, ou seja: o pietismo. A postura de Brod enquanto biógrafo é a postura pietista de uma intimidade ostentatória; em outras palavras, a mais sem piedade que se pode imaginar.

Concorrem para esta impureza na economia da obra hábitos que o autor deve ter adquirido em sua atividade profissional. De qualquer forma

mal é possível deixar de ver os rastros da rotina jornalística entrando na formulação de sua tese: "A categoria da santidade ... é a única categoria certa sob a qual a vida e a obra de Kafka podem ser contempladas". É necessário apontar que a santidade é uma ordem reservada à vida, à qual a criação não pertence em circunstância alguma? E é preciso de prova que o predicado da santidade, fora de um estatuto da religião fundado na tradição, é simplesmente flor de retórica beletrista?

Falta a Brod qualquer sensibilidade pelo rigor pragmático que se deve exigir de uma primeira história de vida de Kafka. "De hotéis de luxo não sabíamos nada e no entanto estávamos despreocupadamente alegres." Em consequência de uma visível falta de tato, de sentido dos limites e das distâncias, infiltram-se chavões de folhetim num texto que através do seu objeto deveria se comprometer com alguma contenção. Esta é menos a razão que o testemunho de como ficou interdita a Brod qualquer visão originária da vida de Kafka. Particularmente escandalosa se torna essa incapacidade de fazer justiça ao próprio assunto quando Brod se pronuncia a respeito da famosa disposição testamentária, na qual Kafka lhe impõe a destruição do seu espólio. Se não em outra parte, pelo menos aqui teria sido o lugar para desdobrar aspectos fundamentais da existência de Kafka. (Evidentemente ele não estava querendo assumir, diante da posteridade, a responsabilidade por uma obra cuja grandeza ele sem dúvida conhecia.)

Desde a morte de Kafka a questão foi abordada repetidas vezes; era natural deter-se aqui. Ela teria com certeza levado o biógrafo a voltar-se para si mesmo. Kafka teve de confiar o espólio a alguém que não ia querer realizar sua última vontade. E nem o testador nem o seu biógrafo sairiam prejudicados com esse modo de considerar as coisas. Mas a questão exige a capacidade de medir as tensões pelas quais a vida de Kafka era atravessada.

Que essa capacidade fuge a Brod provam os trechos nos quais ele empreende o comentário da obra ou do modo de escrever de Kafka. Fica-se aí em tentativas diletantes. A singularidade da essência ou da escrita de Kafka certamente não é, como Brod julga, "aparente" e tampouco se contribui para as descrições de Kafka com o conhecimento de que elas não eram "outra coisa senão verdadeiras". Digressões dessa natureza sobre a obra de Kafka servem para tornar previamente problemática a exegese da visão do mundo dele. Quando Brod afirma sobre Kafka que este ficou eventualmente na linha de Buber, isso significa procurar a borboleta na rede sobre a qual ele lança sua sombra ao esvoaçar de cá para lá. A interpretação "como que realístico-judaica" do "Castelo" extravia os traços repulsivos e cinzentos dos quais em Kafka está revestido o mundo de cima, em favor de uma explicação edificante que deveria ser suspeita justamente ao sionista.

Em certas oportunidades esse comodismo, que condiz tão pouco com o objeto, se denuncia mesmo ao leitor que não o percebe exatamente. Ficou reservado a Brod ilustrar a problemática estratificada do símbolo e da alegoria, que lhe parece relevante para a exegese de Kafka, no exemplo do "bravo soldado de chumbo", que representa um símbolo pleno porque não só "expressa muita coisa que se dispersa na infinitude", mas também "nos

familiariza com o seu destino pessoal detalhado como soldado de chumbo". Seguramente seria bom saber como o escudo de Davi se sai à luz desta teoria do símbolo.

Um sentimento da fraqueza da própria interpretação de Kafka torna Brod suscetível diante das interpretações de outros. Que ele ponha de lado com um golpe de mão o interesse não tão disparatado dos surrealistas por Kafka, bem como as exegeses em parte importantes da prosa muída por Werner Kraft não produz um efeito agradável. Além disso pode-se vê-lo empenhado em desvalorizar até a futura literatura a respeito de Kafka. "Assim, seria possível explicar e explicar (também vão fazer isso ainda), mas necessariamente sem fim." A ênfase que está entre parênteses bate no ouvido. Seja como for, não se ouve com agrado que as "muitas carências e sofrimentos privados e incidentais de Kafka" contribuem mais para a compreensão de sua obra do que "construções teológicas" — isso da parte de quem possui determinação bastante para levar em frente uma interpretação própria de Kafka baseado no conceito da santidade. O mesmo gesto de repúdio vale para tudo o que parece incômodo a Brod no seu convívio com Kafka — para a psicanálise tanto quanto para a teologia dialética. Ele lhe permite confrontar a escrita kafkiana com a "exatidão mentirosa" de Balzac (lance em que não tem em mente outra coisa a não ser aquelas visíveis fanfarronadas que não devem ser isoladas da obra de Balzac e da sua grandeza).

Nada disso deriva do espírito de Kafka. Brod perde de vista com muita frequência a contenção, a serenidade que era própria do escritor. Não há nenhuma pessoa, diz Joseph de Maistre, que não se pudesse conquistar com uma opinião comedida. O livro de Brod não opera no sentido dessa conquista. Ele ultrapassa a medida tanto no modo com que louva Kafka quanto na familiaridade com que este é tratado por ele. As duas coisas têm por certo o seu prólogo no romance² ao qual sua amizade com Kafka serviu de pretexto. Ter emprestado citações dele não constitui de maneira alguma a menor das falhas desta descrição de vida. Que pessoas distantes pudessem ver neste romance uma violação do respeito devido ao morto espanta o autor, conforme ele admite. "Como tudo é mal entendido, isto também o é ... As pessoas não se recordam que Platão, de forma semelhante, embora muito mais abrangente, durante toda a sua vida arrancou o mestre e amigo Sócrates à morte, como um companheiro que continua agindo, que vive junto, pensa junto, na medida em que o faz herói de quase todos os diálogos que escreveu depois da morte de Sócrates."

Há pouca perspectiva de que o "Kafka" de Brod poderá ser citado entre as grandes biografias fundadoras, na série do "Hölderlin" de Schwab, do "Keller" de Bächthold. Ela é tanto mais digna de lembrança como testemunho de uma amizade que não deveria fazer parte apenas dos enigmas menores na vida de Kafka.

Você deduz do que foi exposto, caro Gerhard, por que a biografia de Brod me parece inadequada a deixar transparecer — quando me ocupo dela — minha imagem de Kafka, mesmo que fosse apenas de uma forma

(2) Brod, Max. *Zauberreich der Liebe*. Romance. Berlin, 1928.

polêmica. Se as anotações seguintes conseguem esboçar essa imagem, é coisa que eu naturalmente deixo em suspenso. De qualquer maneira elas vão sugerir a você um aspecto novo, mais ou menos independente das minhas reflexões anteriores.

A obra de Kafka é uma elipse cujos focos, bem afastados um do outro, são definidos de um lado pela tradição mística (que é antes de tudo a experiência da tradição), de outro pela experiência do habitante moderno da grande cidade. Quando digo experiência do homem moderno da grande cidade incluo nela diversas coisas. Falo por um lado do cidadão moderno que se sabe entregue a um aparelho burocrático impenetrável, cuja função é dirigida por instâncias que permanecem imprecisas aos próprios órgãos executores, quanto mais a quem é manipulado por elas. (É conhecido que uma camada de significado dos romances, principalmente do "Processo", está encerrada aqui.) Considero como homem moderno da grande cidade, por outro lado, igualmente o contemporâneo dos físicos atuais. Quando se lê o seguinte trecho da "Imagem do mundo oferecida pela física", de Eddington, acredita-se estar ouvindo Kafka.

"Estou em pé na soleira da porta a ponto de entrar no meu quarto. É uma empresa complicada. Primeiro tenho de lutar contra a atmosfera que pressiona cada centímetro quadrado do meu corpo com uma força de 1 quilograma. Além disso preciso tentar desembarcar numa tábua que voa em torno do sol a uma velocidade de 30 quilômetros por segundo; um atraso só de uma fração de segundo e a tábua já está a milhas de distância. E essa proeza tem de ser realizada enquanto pendo de um planeta esférico com a cabeça voltada para fora, mergulhada no espaço, e um vento de éter sopra por todos os poros do meu corpo sabe Deus com que velocidade. Também a tábua não tem substância firme. Pisar em cima dela significa pisar em cima de um enxame de moscas. Será que não vou cair pelo meio? Não, pois quando ousa e piso nela uma das moscas me aceita e me golpeia para o alto; caio de novo e sou atirado para cima por outra mosca e assim vai em frente. Posso portanto esperar que o resultado geral será que eu permaneço continuamente mais ou menos na mesma altura. Mas se apesar disso, por infelicidade, eu caísse pelo meio do assoalho ou fosse lançado para o alto com tal violência que voasse até o teto, esse acidente não seria uma violação das leis da natureza, mas só uma coincidência extraordinariamente improvável de acasos ... Em verdade é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um físico ultrapassar a soleira de uma porta. Trate-se do portão de entrada de um celeiro ou da torre de uma igreja, talvez fosse mais sábio que ele se resignasse em ser apenas um homem comum e simplesmente entrasse, ao invés de esperar que tenham se resolvido todas as dificuldades ligadas a uma entrada cientificamente irrepreensível."

Não conheço na literatura nenhuma passagem que mostre no mesmo grau o *gesto* de Kafka. Seria possível acompanhar sem esforço quase todos os trechos desta aporia física com frases das peças em prosa de Kafka e não

é menos indicativo que coubessem neste caso muitas das mais "incompreensíveis". Quando portanto se diz, como acabo de fazer, que as experiências correspondentes de Kafka se encontravam numa tensão violenta com as suas experiências místicas, diz-se somente uma meia-verdade. O que de fato — e num sentido preciso — é *maluco* em Kafka, é que este recentíssimo mundo de experiência lhe foi confidenciado justamente pela tradição mística. Naturalmente isso não foi possível sem processos devastadores (aos quais logo eu chego) dentro dessa tradição. A dimensão exata da coisa é que evidentemente foi necessário apelar a nada menos que às forças dessa tradição para que um indivíduo (que se chamava Franz Kafka) pudesse se defrontar com a realidade que se projeta como a nossa, teoricamente, por exemplo, na física moderna, e em termos práticos, na técnica da guerra. Quero dizer que essa realidade quase não é mais passível de experiência para o *indivíduo* isolado e que o mundo de Kafka, tantas vezes sereno e entretecido por anjos, é o complemento exato de sua época, que se prepara para suprimir os habitantes deste planeta em massas consideráveis. A experiência que corresponde à de Kafka enquanto pessoa sem dúvida só poderia ser adquirida pelas grandes massas na hora da sua supressão.

Kafka vive num *mundo complementar*. (Nisso ele é aparentado precisamente com Klee, cuja obra na pintura permanece em essência igualmente *isolada* como a de Kafka na literatura.) Kafka percebeu o complemento sem perceber o que o rodeava. Quando se diz que ele percebeu o que vinha, sem perceber o que é de hoje, é porque ele o fez essencialmente como o *indivíduo* que foi atingido. Seus gestos de susto são beneficiados pela magnífica *margem de manobra* que a catástrofe não irá conhecer. Mas na base dessa experiência repousava apenas a tradição à qual Kafka se entregou; nem visão longínqua, nem "dote de vidente". Kafka escutou a tradição e quem escuta com muito esforço não vê.

Essa escuta exige esforço sobretudo porque a quem escuta só chegam as coisas mais indistintas. Não há aí ensinamento que se pudesse aprender, nem conhecimento que se pudesse conservar. Aquilo que quer ser colhido no vôo são coisas não destinadas a nenhum ouvido. Isso implica um conjunto de fatos que caracteriza com rigor a obra de Kafka pelo lado negativo. (Sua caracterização negativa por certo será sempre mais rica em possibilidades que a positiva.) A obra de Kafka representa uma doença da tradição. Quis-se ocasionalmente definir a sabedoria como o aspecto narrativo da verdade. Com isso a sabedoria é assinalada como um patrimônio da tradição; ela é a verdade em sua consistência hagádica*.

É esta consistência da verdade que se perdeu. Kafka estava longe de ser o primeiro a se defrontar com este fato. Muitos se adaptaram a ele aferrando-se à verdade ou àquilo que caso a caso consideravam como sendo ela; de coração pesado ou também mais leve renunciando à sua transmissibilidade. O genial propriamente dito em Kafka foi ter experimentado algo inteiramente novo: ele renunciou à verdade para se agarrar à transmissibilidade, ao elemento hagádico. As criações de Kafka são pela própria natureza parábolas. A miséria e a beleza delas, porém, é que tiveram de se tornar *mais* que

(*) No original, *hagadisch*, adjetivo com o qual W.B. se refere à Hagadá, ou o mundo das lendas e narrativas que, na religião judaica, se distingue da Halachá, o mundo da doutrina ou da lei sagrada. (N.T.)

parábolas. Elas não se deitam pura e simplesmente aos pés da doutrina, como a Hagadá aos pés da Halachá. Uma vez deitadas elas levantam contra esta, inadvertidamente, uma pata de peso.

É por isso que em Kafka não se pode mais falar em sabedoria. Sobram os produtos da sua desintegração. Há dois deles: um é o rumor das coisas verdadeiras (uma espécie de jornal-sussurro teológico, que trata de coisas desacreditadas e obsoletas); o outro produto dessa diátese é a tolice, que de fato dilapidou fundo o conteúdo próprio à sabedoria, mas em compensação guarda o lado agradável e sereno que foge sempre e em qualquer parte ao rumor. A tolice é a essência dos preferidos de Kafka — do Dom Quixote, passando pelos ajudantes*, até os animais. (Ser animal significa para ele, sem dúvida, apenas ter renunciado, por uma espécie de pejo, à forma e sabedoria humanas. Assim como um senhor distinto que cai numa taverna de ínfima categoria renuncia, por pudor, a limpar o seu copo.) Para Kafka era indubitável que ainda se mantinham firmes: primeiro, que alguém, para ajudar, precisa ser um tolo; segundo, que só a ajuda de um tolo é realmente ajuda. Incerto é apenas: ela ainda enleia o homem? Talvez ajude antes aos anjos (cf. o trecho sobre os anjos que recebem algo a fazer), para os quais as coisas também correriam de outro modo. Assim pois, conforme diz Kafka, existe uma esperança infinita, só que não para nós. Esta frase contém na realidade a esperança de Kafka. Ela é a fonte de sua irradiante serenidade.

Entrego-lhe esta imagem, perigosamente reduzida a perspectivas, com tanto maior tranquilidade porque você pode explicitá-la através dos pontos de vista desenvolvidos sob outros aspectos no meu trabalho sobre Kafka na "Jüdische Rundschau". O que hoje mais me desagrada nele é o traço apologético de base, que lhe é inerente. Para fazer justiça à figura de Kafka em sua pureza e peculiar beleza não se pode nunca perder de vista uma coisa: ela é a de um fracassado. As circunstâncias desse fracasso são múltiplas. Seria possível dizer: uma vez seguro do malogro final, no caminho ele conseguia tudo como em sonho. Nada mais memorável que o fervor com que Kafka sublinhou seu fracasso. Sua amizade com Brod é para mim, acima de tudo, uma interrogação que ele quis desenhar na margem dos seus dias.

Com isto estaria fechado por hoje o círculo e eu situo no meio dele as saudações mais calorosas.

Do seu Walter

(*) O A. refere-se aos ajudantes (*Gehilfen*) que seguem por toda parte, atabalhoadamente, o agrimensor K. em "O castelo". (N.T.)